

A crise brasileira e o consumo de alimentos hipercalóricos: uma análise a partir de famílias fluminenses

Nathália Cândido da Silva¹
Maria Lúcia Vizeu Penido²
Breno de Paula Andrade Cruz³

Resumo

Este trabalho discute a relação entre a crise econômica brasileira entre (2015-2016) e a dieta hipercalórica do consumidor. Um estudo qualitativo com 45 consumidores em Seropédica (RJ) - região metropolitana no Rio de Janeiro - foi conduzido em um supermercado real. Estes consumidores foram entrevistados em profundidade para entender uma possível relação entre a crise econômica e sua influência no consumo de alimentos hipercalóricos. Os resultados da pesquisa evidenciam que: (i) em geral, consumidores perceberam o aumento do preço dos alimentos e (ii) a queda de suas rendas individuais; (iii) os consumidores se vêm na situação de economizar ou procurar novos postos de trabalho para que eles consigam consumir os alimentos que anteriormente eram comprados; (iv) os consumidores preferem comprar produtos hipercalóricos porque são mais baratos que os mais saudáveis (hipocalóricos). Os resultados aqui encontrados podem ajudar organizações brasileiras que formulam políticas públicas relacionadas à obesidade a entenderem aspectos relacionados à restrição orçamentária e educação (Marketing Social - informação ao cidadão).

Palavras-chave: Crise Econômica Brasileira; Dieta Hipercalórica; Restrição Orçamentária.

Abstract

This paper aims to discuss the relation between Brazilian economical crisis (2015-2016) on consumer's hyper caloric diet. A qualitative study was conducted here with 45 people in metropolitan area in Rio de Janeiro (Brazil) in a real supermarket in Seropédica (RJ). We interviewed all of these 45 consumers to understand if economical crisis in Brazil (which influences budget constraint) could define hyper caloric diet. Our qualitative finds show us that (i) in general consumers perceived a food price increase in a crisis moment; (ii) personal income reduced; (iii) consumer had to save more money or look for other informal jobs to follow food price increases to maintain consuming same products; (iv) consumers prefer to buy hyper caloric products because they are

¹ Graduanda em Administração Pública (UFRRJ).

² Graduanda em Administração Pública (UFRRJ)

³ Professor Adjunto do curso de Administração Pública e Chefe do Departamento de Administração Pública da UFRRJ. E-mail: brenocruz@ufrj.br

cheaper than hypo caloric ones. Results showed here help Brazilian health organizations to think about budget constraint and education to discuss the obesity agenda in Brazil.

Keywords: Brazilian Economical Crisis; Hyper Caloric Diet; Budget Constraint.

1. Introdução

A conjuntura socioeconômica e política brasileira retrata um momento de crise no final de 2015 e em 2016, resultando em altos índices de desemprego e inflação, conforme apontam vários jornais, inclusive, fora do país (NYT, 2015; FT, 2015; LE MONDE, 2016). Em dezembro de 2015, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED, 2015), verificou-se que foram perdidos 1.542.371 postos de trabalho celetistas. Em relação ao aumento geral do nível de preços, o índice que mede a inflação efetiva, o IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo -, vem demonstrando um crescimento progressivo desde 2012, quando atingiu 5,84%, chegando a 10,67% em 2015 (BCB, 2015).

Com a maior participação na composição do índice geral, o IPCA para o setor de Alimentação e Bebidas seguiu respondendo por 45% da inflação total. A taxa de 2,28% apresentada no mês de janeiro de 2016 é a mais elevada desde dezembro de 2002, demonstrando que tanto os produtos comprados para consumo em casa (2,89%) quanto a alimentação fora de casa (1,12%) ficaram ainda mais caras. Também houve um aumento expressivo no valor de alguns alimentos entre os meses de dezembro de 2015 e janeiro de 2016, como, por exemplo, a cenoura (32,64%), o tomate (27,27%), a cebola (22,05%) e a batata-inglesa (14,78%) de acordo com o DEAGRO (2016).

Este cenário é o resultado de vários acontecimentos que eclodiram na economia global, desde a Crise *Subprime* iniciada nos EUA em 2008 (PEREIRA, 2009) até fatos relativamente mais recentes, como a queda no preço das *commodities* e a valorização do dólar, somados a questões políticas internas que estão refletindo diretamente no crescimento econômico do Brasil (COPOM, 2015).

Uma das consequências da crise é o aumento da restrição orçamentária (R. O.), situação que é definida a partir do conjunto de bens potencialmente adquiríveis pelo consumidor, considerando a sua renda e os preços correntes de tais produtos. Seguindo a lógica da R. O., quanto menor a renda e maiores os preços dos produtos, maior será a restrição que o indivíduo sofrerá em seu orçamento, motivo pelo qual a crise exerce influência direta. Este fator faz com que o consumidor prefira escolher a “melhor” cesta de bens que puder adquirir (VARIAN, 2006), que geralmente será, no caso de consumidores de baixa-renda, a cesta que contiver a maior quantidade de produtos (PARENTE; LIMEIRA; BARKI, 2005). Estudos afirmam que, em países desenvolvidos, esta influencia é bastante pequena, diferentemente da realidade dos países em desenvolvimento, onde, provavelmente, a renda é o fator mais impactante sobre o estado nutricional da população (MARTINS; CAVALCANTI; MAZZILLI, 1977).

Uma alimentação desbalanceada pode acarretar vários problemas, como o sobrepeso, a obesidade, a diabetes e a hipertensão, todos problemas de saúde pública (PEREIRA; FRANCISCHI; LANCHAJR, 2003). Logo, este trabalho tem como objetivo apresentar dados qualitativos de um estudo de caso em relação à atual crise econômica brasileira e sua influência na escolha e consumo de alimentos hipercalóricos do cidadão em uma cidade metropolitana do Rio de Janeiro. A influência da crise sobre o estado nutricional da população corrobora a necessidade de problematizar políticas públicas de caráter transversal que considerem também a questão socioeconômica e seus impactos sobre a alimentação, assim como é discutida na Política Nacional de Alimentação e Nutrição – PNAN -, que consiste em um conjunto de ações que visam promover e prover o direito do cidadão à saúde e à alimentação, englobando, por exemplo, programas como o Bolsa Família (BRASIL, 2012).

2. A crise econômica brasileira: antecedentes e causas

A conjuntura socioeconômica e política brasileira retrata um momento de crise no final de 2015 e em 2016 (NYT, 2015; FT, 2015; LE MONDE, 2016). Este item apresenta os antecedentes e as causas da crise brasileira, desde a

Crise *Subprime* iniciada em 2008 nos EUA, passando pela desaceleração no mercado chinês até a instabilidade e crise política no Brasil.

2.1. A Crise *Subprime* de 2008 nos Estados Unidos

A partir de 2000, o mercado americano começou a passar por um processo de desaceleração econômica que foi agravado por eventos como o ocorrido em 11 de setembro de 2001 (GONTIJO, 2008). Tal episódio culminou em altos gastos públicos do governo americano com as guerras do Iraque e Afeganistão (BILMES, 2013), ao mesmo tempo em que o país já estava apresentando uma relativa piora em seus principais indicadores econômicos, com uma queda nas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto. Estes fatores fizeram com que o governo criasse providências econômicas de cunho expansionista para aquecer o mercado interno e tentar evitar uma possível crise (NAIME, 2005; NEGROMONTE, 2002). Sua principal medida foi abaixar a taxa de juros e aplicar recursos em agências imobiliárias para que estas passassem a conceder créditos de risco à juros pós fixados, o que é conhecido como *subprime* (BASTOS; MATTOS, 2011).

Com a intenção de influenciar o consumo interno, as medidas implementadas fizeram com que a demanda por imóveis aumentasse, levando à sua supervalorização e à consequente formação de uma bolha imobiliária (BULLIO et al., 2011). O crescimento do setor fez com que demais agências bancárias resolvessem conceder créditos *subprime*, provocando um aumento geral no índice de preços da economia americana. Isto fez com que o governo passasse a adotar medidas de restrição econômica, aumentando os juros de tal forma que resultou em um aumento no nível de inadimplência por parte dos beneficiários do *subprime*, dada a correção das parcelas financiadas a, neste momento, juros altos (ALBERINI; BOGUSZEWSKI, 2008).

Ao apresentar problemas de liquidez, as instituições financeiras acabaram por perder a confiança de seus investidores, que procuraram se desfazer de seus ativos com medo de futuros prejuízos. Com a falência do Banco *Lehman Brothers*, o quarto maior do país, houve uma desestabilização do sistema financeiro americano, que teve que se reestruturar, com algumas instituições

restringindo o seu crédito e outras fechando as suas portas. Todo este contexto resultou em uma diminuição no consumo interno americano e na Crise do *Subprime*, que acarretou consequências em várias economias mundiais (JUNIOR; FILHO, 2008).

Os impactos desta crise no Brasil foram traduzidos em uma significativa queda no saldo do balanço de pagamentos, que foi de US\$ 87,4 bilhões, um saldo recorde em 2007, para US\$ 2,9 bilhões em 2008, apresentando uma redução de 96,6% na mesma época em que a instabilidade americana estava em seu ápice. Esta mudança ocorreu, principalmente, por meio do mercado financeiro, revelando a aversão dos investidores que reduziram os investimentos de curto prazo, e do mercado de bens, com o aumento do *déficit* da conta de renda e serviços, devido ao auxílio concedido por filiais de empresas multinacionais instaladas no Brasil a suas matrizes. Com isso, houve uma queda no nível de produção industrial e um aumento do desemprego (SILVA, 2010).

Para atenuar os impactos desta crise no Brasil, à época, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva adotou algumas medidas para estimular o aumento do consumo (demanda agregada), tais como a diminuição do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI - de automóveis e a redução das alíquotas de reservas compulsórias, visando estimular a concessão de crédito no setor imobiliário e de construção civil (SAFATLE, 2011). Este último obteve melhoras após a criação do “Programa Minha Casa, Minha Vida”, o qual foi direcionado para a construção de mais de 1 milhão de novas residências, com subsídio total no valor 1,2% do PIB (TERRA; SILVA, 2009).

Apesar de alguns economistas e do próprio presidente terem defendido, à época, que a crise do *subprime* não afetaria significativamente o Brasil (KANITZ, 2009; GALHARDO, 2008), o qual estaria imune após o êxito da implementação de políticas anticíclicas (POCHMANN, 2015), com o advento da globalização, há uma crescente interdependência entre os sistemas financeiros nacionais. Este fato gerou uma extensão global da crise, tal como aconteceu em 2008, nos EUA, que atingiu o Extremo Oriente - o Japão e Coreia do Sul -, chegando ao Pólo Norte - na Islândia e na Rússia -, e repercutindo no sul das Américas - no Chile e no Brasil. Tão importante quanto a sua extensão, na

crise de 2008, foi o seu caráter multidimensional: nos países desenvolvidos, a crise sistêmica transcendeu o setor financeiro e atingiu o lado real da economia, de forma que uma das tendências gerais foi a forte desaceleração da economia e, eventualmente, a recessão econômica em muitos países (GONÇALVES, 2008; CAMPOS, 2014).

2.2. Desaceleração da economia chinesa

Ocupando a posição de segunda maior economia do mundo (WORLD BANK GROUP, 2016), a China é uma grande exportadora de produtos para os Estados Unidos. Com a crise e a diminuição do consumo interno americano, houve, conseqüentemente, a diminuição da demanda do país por produtos chineses. Dessa forma, a crise do *subprime* começa a romper as barreiras geográficas por meio do comércio, fazendo com que a China fosse atingida diretamente pelos impactos ocorridos nos Estados Unidos (CARCANHOLO et al., 2008). Com a emergência do país como o "atelier manufatureiro mundial" (SCHERER, 2009), a China figura entre os países mais globalizados e apresenta uma economia aberta, o que aumenta a sua vulnerabilidade perante a volatilidade do mercado econômico internacional (OLIVEIRA, 2009). E, acostumada com crescimentos acima dos dois dígitos nas últimas décadas, o país apresentou, em 2015, o PIB mais baixo desde 1990, com um crescimento de 6,9%, afetando diretamente o mercado econômico global (VALOR ECONÔMICO, 2016).

Desempenhando o papel de maior parceiro comercial do Brasil, a China foi, em 2014, o destino de 18% do total das exportações brasileiras, e 16% das importações do Brasil vieram da China. Em termos de valor agregado, aproximadamente, mais da metade das exportações realizadas para a China foram de *commodities* agrícolas e minérios (OECD, 2015). Especialistas e estudiosos afirmaram que os impactos econômicos na China, de certo modo, repercutem no Brasil - seja de maneira positiva ou negativa (VIEGAS-LEE, 2008). Isto ocorre pois os impactos da crise dentro de diferentes mercados estão diretamente ligados ao grau de dependência externa de determinada economia. Os grandes exportadores de *commodities* - como os BRICs -

certamente sofrerão mais os reflexos da crise do que as economias pautadas em produtos de maior valor agregado. Com o crescimento abaixo do previsto na China, a demanda por *commodities* (petróleo, minério de ferro, soja, açúcar) no mundo diminuiu, afetando, assim, os países emergentes (CABRAL, 2015).

2.3. Os impactos da instabilidade política na economia brasileira

Uma análise comparativa entre Chile, Colômbia, Peru e Brasil, com o objetivo de verificar qual deles aproveitou o *boom* de *commodities* nos anos 2000, evidenciou que o Brasil foi o único país que não agiu com eficiência no que diz respeito às exportações e os benefícios deste processo para o crescimento do país (FT, 2015). Para o economista norte americano Nouriel Roubini, quando o cenário começou a mudar, em 2013, com a baixa das *commodities*, o Brasil deveria ter investido no ajuste fiscal, já que a inflação já estava em alta e o crescimento estava caindo, mas o adiamento das mudanças fiscais para após as eleições de 2014 acarretou em um maior aumento na taxa de juros (MELLO, 2015).

Uma das medidas criadas pelo governo para lidar com a crise foi a Medida Provisória que permite a redução na jornada de trabalho. A partir desta medida, empresas em dificuldades firmaram um acordo com o Programa de Proteção ao Emprego, podendo diminuir a jornada de trabalho dos funcionários, o que acarretou em uma diminuição de 15% no salário do trabalhador (BRASIL, 2015; 2016). O governo também decidiu por não dar continuidade a algumas etapas do Programa Minha Casa Minha Vida, sem previsão de retomada do programa e com a desaceleração no mercado de construção civil, uma vez que, em 2014, mais de 8,6 mil trabalhadores perderam o emprego em Salvador (BA), por exemplo. Com isso, a diminuição da procura por mão-de-obra no setor de construção civil desaqueceu o mercado e fez com que a taxa de desemprego aumentasse (CBIC, 2014).

Parece senso comum entre os cidadãos que, enquanto o país permitir que interesses políticos e individuais prevaleçam em detrimento dos interesses públicos, o Brasil tende a estacionar economicamente. Casos como o de Eduardo Cunha, a Operação Lava-Jato na busca de criminosos envolvidos nos

escândalos da Petrobras e o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rouseff pelos partidos de oposição têm impacto direto na economia - conforme apontam diversos especialistas (NYT, 2015; GHIRARDI, 2015). O resultado deste contexto político é a insegurança jurídica, transmitida pela falta de confiança dos investidores no país (FORBES, 2016), o que é verificado por meio da volatilidade da bolsa de valores brasileira (BM&FBOVESPA, 2016).

Da mesma forma que a crise política afetou o setor de construção civil, verifica-se que os desdobramentos das escolhas políticas dos poderes Executivo e Legislativo do Brasil também podem ser observados no setor terciário, área da economia que integra as atividades da prestação de serviços, na qual está incluída o comércio. Este setor é muito amplo, pois envolve todos os bens imateriais; ou seja, tudo aquilo que é oferecido ao consumidor sob a forma de atividades, como consertos mecânicos e domésticos, turismos, telemarketing, lazer, entre outras (PEREIRA; BASTOS; PEROBELLI, 2005). Nesta área, atuam profissionais como cabeleireiros, mecânicos, vendedores, programadores e domésticas. Todos estes profissionais exercem seu trabalho, não para oferecer um bem material, mas para fornecer um serviço considerado útil para consumidor (GONÇALVES et al., 2007). Este setor tem grande influência sob o crescimento do PIB e, com isto, vem ganhando representatividade dentro do valor adicionado do produto brasileiro, assim como o comércio vem demonstrando significativa expansão (MDIC, 2013).

No entanto, segundo o IBGE (2016), em dezembro de 2014, o setor terciário já mostrava recuo e, em 2015, fechou o ano com queda de 3,6%. Parte desta queda se deve ao aumento dos preços dos serviços prestados (CNC, 2016). O aumento da inflação, que atinge, principalmente, os consumidores de baixa renda, faz com que haja uma diminuição na procura por serviços, prejudicando, conseqüentemente, a geração de renda de quem os fornece, e a Pesquisa Mensal de Serviços (IBGE, 2015) indicou uma retração de 3,6% no setor em 2015.

Além de um aumento geral no nível de preços (BCB, 2015), a crise de 2015-2016 também tem influenciado a diminuição da renda do cidadão, seja com a redução da carga-horária de trabalho para conseguir baixar a remuneração do trabalhador (BRASIL, 2015; 2016) ou pela própria diminuição

nas vagas de emprego ofertadas (CAGED, 2015). Estes índices são fatores que auxiliam na análise da conjuntura macroeconômica do país.

No aspecto microeconômico, o preço e a renda são variáveis que, juntas, podem determinar a situação econômica dos indivíduos, através de uma análise orçamentária. O aumento da inflação e do desemprego, conseqüentemente leva à diminuição do poder de compra das famílias, deixando-as mais restritas quanto ao consumo no geral, o que também influencia diretamente no crescimento do país (VARIAN, 2006).

3. A restrição orçamentária e o consumo de alimentos hipercalóricos

A escolha alimentar é um processo multideterminado, que inclui um sistema pessoal dinâmico (JOMORI et al., 2008) e que pode considerar informações nutricionais ou a restrição orçamentária do consumidor. Especificamente, os determinantes das escolhas alimentares, segundo Eufic (2005) e Claro (2006), podem ser divididos em seis categorias: (i) fatores biológicos - fome, apetite e gosto; (ii) fatores sociais - cultura e família; (iii) fatores psicossociais - humor, estresse e culpa; (iv) fatores físicos - acesso, educação, habilidades e tempo; (v) fatores econômicos, como renda, preço e disponibilidade de alimentos; e (vi) atitudes, crenças e conhecimento sobre alimentação e saúde.

Claro (2006) considera que o preço dos alimentos e a renda das famílias são determinantes primários na escolha dos alimentos, sendo o mecanismo por meio do qual os preços exercem caráter proibitivo nas escolhas diretamente relacionado ao nível socioeconômico do indivíduo. Um estudo publicado em 2015 (BORGES et al., 2015), no qual foram consideradas famílias de baixa renda de até R\$ 415,00 per capita/mês e US\$ 1,00 per capita/dia, analisou o custo de uma dieta saudável no Brasil, considerando o Guia Brasileiro de Alimentação e utilizando-se dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF - de 2008. Este estudo mostrou que a renda dos brasileiros de menor poder aquisitivo não é suficiente para atingir uma dieta ideal, de acordo com o recomendado. Esta situação deve se agravar devido ao momento atual, com o aumento da inflação (BCB, 2015) e do desemprego (CAGED, 2015).

4. Metodologia

O instrumento de coleta de dados utilizado, inicialmente, nesta pesquisa foi um questionário semiestruturado, o qual buscou identificar se a crise tem afetado o consumidor no momento da decisão de compra de alimentos. Após sua aplicação realizada com 120 consumidores que estavam fazendo compras em um supermercado localizado no município de Seropédica (RJ), verificou-se em suas respostas finais que a crise estava influenciando o tipo de consumo alimentar e, a partir daí, houve a necessidade da realização de uma nova entrevista para aprofundar ainda mais os resultados encontrados. Logo, a pesquisa apresentada passou a possuir característica meramente qualitativa, do tipo exploratória e foi baseada no método de estudo de caso, sem buscar generalização dos resultados.

A partir disto, na segunda fase de coleta de dados, foi abordada somente uma questão menos estruturada sobre a influencia da crise no consumo de alimentos. Observou-se, desta forma, após entrevista realizada com 30 pessoas, que a pergunta utilizada estava coletando respostas muito rasas. Segundo Yin (1995), quando se deseja entender como um determinado fenômeno é visto por determinado grupo social, necessita-se de uma metodologia mais dinâmica e de fácil entendimento. Com este objetivo, buscou-se, novamente, elaborar questões mais objetivas para que pudéssemos colher respostas mais robustas.

Esta nova versão foi apresentada a 15 cidadãos, os quais foram questionados sobre sua percepção quanto à influência ou não da crise em seu consumo alimentar, isto é, para verificar se o cidadão está ciente do aumento da inflação. Esta variável foi escolhida, pois, juntamente à variável renda, constitui a relação presente na restrição orçamentária. Logo, também foram adicionadas questões para constatar a diminuição na renda, através do aumento do desemprego e/ou da diminuição na demanda de serviços.

5. Resultados

Em um momento de crise, a restrição orçamentária tende a aumentar e isto ocorre devido ao aumento geral no nível de preços e/ou na diminuição da renda. Logo, os resultados a seguir mostram como os cidadãos são afetados pelo aumento da inflação (com foco no setor alimentício) e pela diminuição em sua renda, seja pela queda na oferta de empregos (pelo aumento do desemprego) ou pela diminuição na demanda de serviços - o que vai afetar os trabalhadores que auferem renda através da prestação de serviços.

5.1. O aumento nos preços dos alimentos durante a crise

De maneira geral, a partir do aumento nos preços dos alimentos, que acompanha o aumento da inflação, as famílias começam a ver a necessidade de buscar alternativas para substituírem os produtos que sofreram aumento por alimentos mais baratos, já que não há um aumento na renda para compensar o ajuste dos valores. Isso pode ser verificado, por exemplo, na resposta de Marta (51 anos), quando questionada sobre como está lidando com o aumento dos preços:

Agora tem que optar, né?! Substituir por produtos mais baratos, porque quem ganha salário mínimo não tem como você manter, a não ser que você comece a substituir. As coisas tão aumentando, tudo tá aumentando. E o salário continua praticamente o mesmo, então você tem que substituir pra poder ter alguma coisa a mais.

Da mesma forma, Paula (39 anos) diz que suas escolhas tiveram que mudar, e que isso não favorece a qualidade nutricional da alimentação dos consumidores: "Não, mudou tudo. O que a gente comprava a gente não compra mais, né?! Porque pobre se rendeu. Pobre vai mais pelo preço do que pela qualidade. E agora, com a crise, piorou mais ainda, porque aí é os produtos piores que a gente escolhe". Laura (35 anos) afirma também que "tudo aumentou, principalmente os legumes" e, com isso, concorda que as

famílias estão enfrentando maior dificuldade no momento das compras, tendo que encontrar alternativas para substituir os alimentos.

5.2. A diminuição da renda do consumidor durante a crise

A diminuição na renda é outra forma de aumentar a restrição orçamentária do cidadão e aqui será tratada tanto quando há o aumento do desemprego ou quando a empresa enfrenta problemas financeiros, e há implicações nos salários dos funcionários, tanto quando há uma queda na demanda de serviços.

5.2.1. A redução na oferta de empregos

Com a crise, também há uma redução na oferta de empregos, assim como o aumento do desemprego. Bianca (27 anos) diz que a crise está afetando a geração de empregos, pois está desempregada e não consegue nada, apesar de ter encaminhado seu currículo para vários lugares no Rio de Janeiro. Já Josiane (26 anos), recém-formada, destaca que está desempregada e que sua falta de experiência tem dificultado ainda mais sua procura. Ambas disseram que a diminuição na renda influencia muito na decisão de compra por produtos hipercalóricos, pois são mais baratos.

Além disso, Eduardo (41 anos) informa que a crise tem afetado o seu local de trabalho, porque a empresa não tem conseguido realizar o pagamento de seus funcionários e não somente o seu salário foi afetado, mas também os seus benefícios como trabalhador, quando ele deixa de receber, por exemplo, vale-alimentação. E, devido a esta crise e ao aumento dos valores dos produtos, ele diz que tem que optar por um alimento mais barato e de menor qualidade para suprir suas necessidades.

5.2.2. A diminuição da demanda de serviços

A redução na procura de serviços afeta a renda de quem os presta. Desta forma, foi verificado se a crise também estava afetando as pessoas que

auferem deste tipo de renda. Patrícia (39 anos) afirma que “[...]. Antigamente, quando [começou] na barraca de churros, [ela] vendia muito churros. Agora [ela] não [vende] nem um terço do que [ela] vendia”. Com esta queda, o valor conseguido por fim de semana trabalhado caiu de, aproximadamente, R\$ 200,00 para R\$ 30,00. Além disso, Patrícia trabalha realizando faxinas e também se deparou com a necessidade de diminuir o valor cobrado, o qual foi de R\$ 100,00 para R\$ 75,00, o que não impediu de diminuir a quantidade de clientes, que foi de cinco por semana para duas. Devido a situação descrita por ela e ao aumento do preço dos alimentos, ela tem deixado de prezar a qualidade por causa do preço e acaba por escolher produtos “piores”.

Márcio (21 anos) destacou que, além de diminuir sua renda, há uma desvalorização do serviço prestado, pois deixa de oferecer um serviço com produtos de qualidade e acaba realizando um serviço inferior. Segundo ele, tudo isso influencia diretamente a sua alimentação, pois se vê obrigado a escolher entre o produto mais saudável e o mais barato.

6. Considerações finais

A atual crise econômica brasileira exerce a sua influência no consumo de alimentos hipercalóricos, pois aumenta a restrição orçamentária das famílias quando há o crescimento da inflação e do desemprego. Ao mesmo tempo em que o indivíduo tem que arrecadar mais para bancar o aumento no nível de preços e continuar consumindo a mesma quantidade, ele tem que lidar com a diminuição das oportunidades no mercado de trabalho. Logo, dentro do presente contexto brasileiro, o aumento da restrição orçamentária tende a influenciar uma alimentação hipercalórica que, por sua vez, apresenta um preço relativamente menor do que uma alimentação balanceada e saudável.

É essencial a criação de Políticas Públicas que busquem sobretaxar os produtos hipercalóricos e políticas que ofereçam subsídio para as organizações privadas que forneçam alimentos saudáveis. Além do governo oferecer uma boa alimentação à sociedade, estará também, de alguma forma, complementando o trabalho da PNAN, que já pratica atividades voltadas para uma alimentação adequada do cidadão, como a segunda diretriz do programa,

que busca garantir a segurança e a qualidade dos produtos e da prestação de serviços na área de alimentos, visando o direito à alimentação e nutrição adequadas.

Referências bibliográficas

ALBERINI, D. V.; BOGUSZEWSKI, L. D. Por Dentro do *Subprime*: a crise imobiliária americana e seus impactos na economia brasileira. *Vitrine da Conjuntura*, v. 1, n. 2, 2008.

BASTOS, Carlos Pinkusfeld; MATTOS, Fernando Augusto Mansor. Crise *Subprime* nos Estados Unidos: a reação do setor público e o impacto sobre o emprego. *Revista Tempo do Mundo*, v. 3, n. 2, 2011.

BCB. Banco Central do Brasil. Histórico de Metas para a Inflação no Brasil. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/Pec/metas/TabelaMetaseResultados.pdf>>. 2015. Acesso em: 13 set. 2016.

BILMES, Linda J. The Financial Legacy of Iraq and Afghanistan: How Wartime Spending Decisions Will Constrain Future National Security Budgets. Disponível em: <<https://research.hks.harvard.edu/publications/workingpapers/citation.aspx?PubId=8956&type=WPN>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

BM&FBOVESPA. BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO. Boletim diário do mercado. Disponível em: <http://www.bmfbovespa.com.br/pt_br/servicos/market-data/consultas/boletim-diario/boletim-diario-em-capitulos/>. Acesso em: 13 set. 2016.

BORGES, C. A. *et al.* Quanto custa para as famílias de baixa renda obterem uma dieta saudável no Brasil?. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2015, pp. 137-148. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v31n1/0102-311X-csp-31-01-00137.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

_____. Medida Provisória No. 680, de 6 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Mpv/mpv680.htm>. Acesso em: 13 set. 2016.

_____. Senado Federal. PEC estabelece redução gradual da jornada de trabalho. Agência Senado, 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/02/02/pec-estabelece-reducao-gradual-da-jornada-de-trabalho>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BULLIO, Olívia; FERRARA, Daniel Nicolau; CUNHA, Patrícia; CARVALHO, Carlos Eduardo. A atuação do Fed antes e depois do estouro da bolha imobiliária: discricionariedade e mandato de bancos centrais em contexto de desregulamentação financeira. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v20n2/a05v20n2>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

CABRAL, Alexandre. Entenda o que está acontecendo na China e os reflexos nos mercados. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/mercados/noticia/2015/08/entenda-o-que-esta-acontecendo-na-china-e-os-reflexos-nos-mercados.html>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

CAGED. CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS. Síntese do Comportamento do Mercado de Trabalho Formal Brasil– Balanço do Ano de 2015. Disponível em: <<http://acesso.mte.gov.br/data/files/8A7C816A4FF110CB015260E7D9F0650A/Brasil%20Dezembro%202015%20com%20acertos.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

CAMPOS, Ciro Peixinho. *Crescimento do mercado imobiliário do Distrito Federal e evidências de formação de bolha*. 2014. vii, 58 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/8427>>. Acesso em: 13 set. 2016.

CARCANHOLO, Marcelo; PINTO, Eduardo; FILGUEIRAS, Luiz; GONÇALVES, Reinaldo. Crise financeira internacional: Natureza e impacto. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/oldroot/hpp/intranet/pdfs/crise_financeira_internacional_ge_p_maio_2008.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2016.

CBIC. CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA E DA CONSTRUÇÃO. CBIC vê desaceleração do setor de construção civil em 2014. Disponível em: <<http://cbic.org.br/sala-de-imprensa/noticia/cbic-ve-desaceleracao-do-setor-de-construcao-civil-em-2014>>. Acesso em: 13 set. 2016.

CLARO, R. M. *Influência da renda e preço dos alimentos sobre a participação de frutas, legumes e verduras no consumo alimentar das famílias do município de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Saúde Pública: Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6133/tde-31082007-100057/pt-br.php>>. Acesso em: 13 set. 2016.

_____; MONTEIRO, C. A. Renda familiar, preço de alimentos e aquisição domiciliar de frutas e hortaliças no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v. 44, n. 6,

pp. 1014-1020, 2010. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v44n6/1401.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

CNC. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. Setor de Serviços tem Queda de 5,0% no Volume de Receitas. Análise CNC, 2016. Disponível em:
<http://www.cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/nota_pms_jan_2016.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

COPOM. COMITÊ DE POLÍTICA MONETÁRIA. Banco Central do Brasil. Relatório de Inflação, v. 17, n. 4, pp. 1-109. Brasília, dez. 2015. Disponível em:
<<http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2015/12/ri201512P.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

CRUZ, B. de P. A.; ROSS, S. D.; SILVA, N. C.. The Impact of Constraint Budget in Hyper Caloric Food Consumption. In: VI Congreso Internacional en Gobierno, Administración y Políticas Públicas, 2015, Madrid. *Anais del GIGAPP*, 2015. Disponível em:
<http://www.gigapp.org/administrator/components/com_jresearch/files/publications/2015-P14-CRUZROSSILVA.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

DEAGRO. DEPARTAMENTO DO AGRONEGÓCIO DA FIESP. IPCA: Alimentação e bebidas (A&B) - Janeiro de 2016. In: Informativo DEAGRO - Fevereiro 2016. Disponível em:
<http://az545403.vo.msecnd.net/uploads/2016/02/ipca-alimentos_jan16.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

EUFIC. European Food Information Council. The determinants of food choices. *EUFIC Review*, n. 17, pp. 1-7. Disponível em:
<<http://www.eufic.org/article/en/expid/review-food-choice/>>. Acesso em: 13 set. 2016.

FORBES. What Should Investors Expect From Brazil's Economy In 2016?. Disponível em:
<<http://www.forbes.com/sites/nathanielparishflannery/2016/03/14/investor-insight-how-serious-are-brazils-economic-and-political-problems/#2fb129683da5>>. Acesso em: 13 set. 2016.

FT. FINANCIAL TIMES. Brazil's fall from grace of its own making. Disponível em:
<<https://www.ft.com/content/4410a628-cf1d-11e4-9949-00144feab7de>>. Acesso em: 13 set. 2016.

GALHARDO, R.. Lula: crise é tsunami nos EUA e, se chegar ao Brasil, será 'marolinha'. O Globo on-line. Disponível em:
<http://oglobo.globo.com/economia/mat/2008/10/04/lula_crise_tsunami_nos_eu_a_se_chegar_ao_brasil_sera_marolinha_-548552017.asp> Acesso em: 13 set. 2016.

GHIRARDI, A. G.. Petrobras: as causas da crise, além da Lava Jato. *Carta Capital* - Online. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/petrobras-as-causas-da-crise-alem-da-lava-jato-305.html>>. Acesso em: 13 set. 2016.

GONÇALVES, A. T. S. et al.. Glamour, Beleza e Estética. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.unihorizontes.br/pi/pi_1sem_2007/inter_1sem_2007/admistracao/glamour_salao_de_beleza_e_estetica.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

GONÇALVES, R.. Crise econômica: radiografia e soluções para o Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Lauro Campos, 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6270848-Crise-economica-radiografia-e-solucoes-para-o-brasil.html>>. Acesso em: 13 set. 2016.

GONTIJO, Cláudio. Raízes da crise financeira dos derivativos subprime. Disponível em: <<http://cedeplar.face.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20342.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em dezembro, setor de serviços cai (-5,0%) e acumula -3,6% em 2015. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3100&busca=1&t=dezembro-setor-servicos-cai-5-0-acumula-3-6-2015>>. Acesso em: 13 set. 2016.

_____. Pesquisa Mensal de Serviços. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?indicador=1&id_pesquisa=135>. Acesso em: 13 set. 2016.

JOMORI, M. M.; PROENÇA, R. P. da C.; CALVO, M. C. M.. Determinantes de escolha alimentar. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 21, n. 1, 2008, pp. 63-73. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732008000100007&lng=en&tlng=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

JUNIOR, Gilberto Rodrigues Borça; FILHO, Ernani Teixeira torres. Analisando a Crise do Subprime. *Revista do BNDES*, v. 15, n. 30, 2008, pp. 129-159.

KANITZ, Stephen. Vamos Definir Crise Corretamente. Disponível em: <<http://brasil.melhores.com.br/2009/02/vamos-definir-crise-corretamente-.html>>. Acesso em: 13 set. 2016.

LE MONDE. L'implosion du système brésilien. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/idees/article/2016/06/07/l-implosion-du-systeme-bresilien_4940662_3232.html>. Acesso em: 13 set. 2016.

MARTINS, I. S.; CAVALCANTI, M.L. F.; MAZZILLI, R.N.. Relação entre consumo alimentar e renda familiar na cidade de Iguape, S. Paulo (Brasil). *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 11, n. 1, 1977. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101977000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2016.

MDIC. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Relatório das atividades do SIMBRACS 2013. Revista SIMBRACS, n. 2. Disponível em: http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1414688276.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

MELLO, P. C.. Brasil está à beira do precipício, mas crise pode ser evitada, diz economista. *Folha de São Paulo* - Online. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1693223-brasil-esta-a-beira-do-precipicio-mas-crise-pode-ser-evitada-diz-economista.shtml>>. Acesso em: 13 set. 2016.

NAIME, Jéssica. A Economia dos Estados Unidos após o 11 de setembro. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20050804092_520.pdf?PHPSESSID=ab6313d8641efe2131fcd7171d832227>. Acesso em: 23. fev. 2016.

NEGROMONTE, Antônio. Economia Mundial: expectativas de uma recuperação lenta. Disponível em: http://www.nec.ufba.br/artigos/Setor_Externo_e_Economia_Internacional/2002/2002.09%20-%20%20Economia%20Mundial%20-%20expectativas%20de%20uma%20recupera%C3%A7%C3%A3o%20lenta.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2016.

NG, M. et al. Global, regional, and national prevalence of overweight and obesity in children and adults during 1980–2013: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2013. *The Lancet*, v. 384, n. 9945, pp. 766-781, 2014. Disponível em: <http://www.thelancet.com>>. Acesso em: 01 dez 2016.

NYT. THE NEW YORK TIMES. *Faced With Many Crises, Brazil Focuses on Dilma Rousseff's Impeachment Case*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/12/04/world/americas/faced-with-many-crises-brazil-focuses-on-dilma-rousseffs-impeachment-case.html>>. Acesso em: 13 set. 2016.

OECD. "Brasil", in OECD, CAF and ECLAC., *Perspectivas económicas de América Latina 2016: Hacia una nueva asociación con China*. OECD Publishing, Paris, 2015.

OLIVEIRA, Márcio. O dragão chinês contra a crise - China só faz crescer. E sonha em ser a maior potência econômica do mundo. Desafios do desenvolvimento - *Revista do IPEA*, v. 6, n. 48, 2009. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1513:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 28 fev. 2016.

PARENTE, J.; LIMEIRA, T. M. V.; BARKI, E.. *Varejo para a baixa renda*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

PEREIRA, L. C. B.. A crise financeira de 2008. *Revista de Economia Política*, v. 29, n. 1, 2009, pp. 133-149. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v29n1/08.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

PEREIRA, L. O., FRANCISCHI, R. P. de e LANCHÁ-JR, A. H. Obesidade: Hábitos Nutricionais, Sedentarismo e Resistência à Insulina. *Arq Bras Endocrinol Metabol*, v. 47, n. 2, 2003, pp. 111-127.

PEREIRA, M. Z.; BASTOS, S. Q. de A.; PEROBELLI, F. S.. Análise Sistêmica do Setor de Serviços no Brasil para o ano de 2005. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro/2012/inscricao/files/li8-ac6876c000d2a1800e31ee661218fc90.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

POCHMANN, Marcio. China e Brasil evidenciam nova fase da crise global. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/economia/2015/07/crise-global-entra-em-nova-fase-6977.html>>. Acesso em: 13 set. 2016.

SAFATLE, C.. 2008 e 2011 São crises com impactos distintos sobre o Brasil. *Valor Econômico*, 4 out. 2011. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/valor-investe/casa-das-caldeiras/1034948/2008-e-2011-sao-crisis-com-impactos-distintos-sobre-o-brasil>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

SCHERER, André Luís Forti. A Crise Da Economia Financeirizada. Disponível em: <<http://www.ftmrs.org.br/artigo-22-crise-economia-financeirizada>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

SILVA, Claudeci. Uma breve análise do contágio da crise subprime americana para a economia brasileira. *A Economia em Revista*, v. 18, n. 1, 2010.

TERRA, F. H. B.; SILVA, G. J. C. Prevenir é Melhor que Remediar: alternativas de políticas econômicas keynesianas para a prevenção de crises financeiras. Porto Alegre: Associação Keynesiana Brasileira, 2010 (Dossiê da Crise II).

VARIAN, H. R. *Microeconomia: princípios básicos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

VIEGAS-LEE, C. Impacto da crise na China é chave para Brasil, diz economista. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080916_bolsasreflexobrasil.shtml>. Acesso em: 01 dez. 2016.

VALOR ECONÔMICO. PIB da China avança 6,9% ao ano em 2015, pior resultado em 25 anos. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/internacional/4398880/pib-da-china-avanca-69-ao-ano-em-2015-pior-resultado-em-25-anos>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

WORLD BANK GROUP. China Overview. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/en/country/china/overview>>. Acesso em: 01 dez. 2016.